

NOVA FUTURA
INVESTIMENTOS

Carteira Recomendada Mensal

Julho

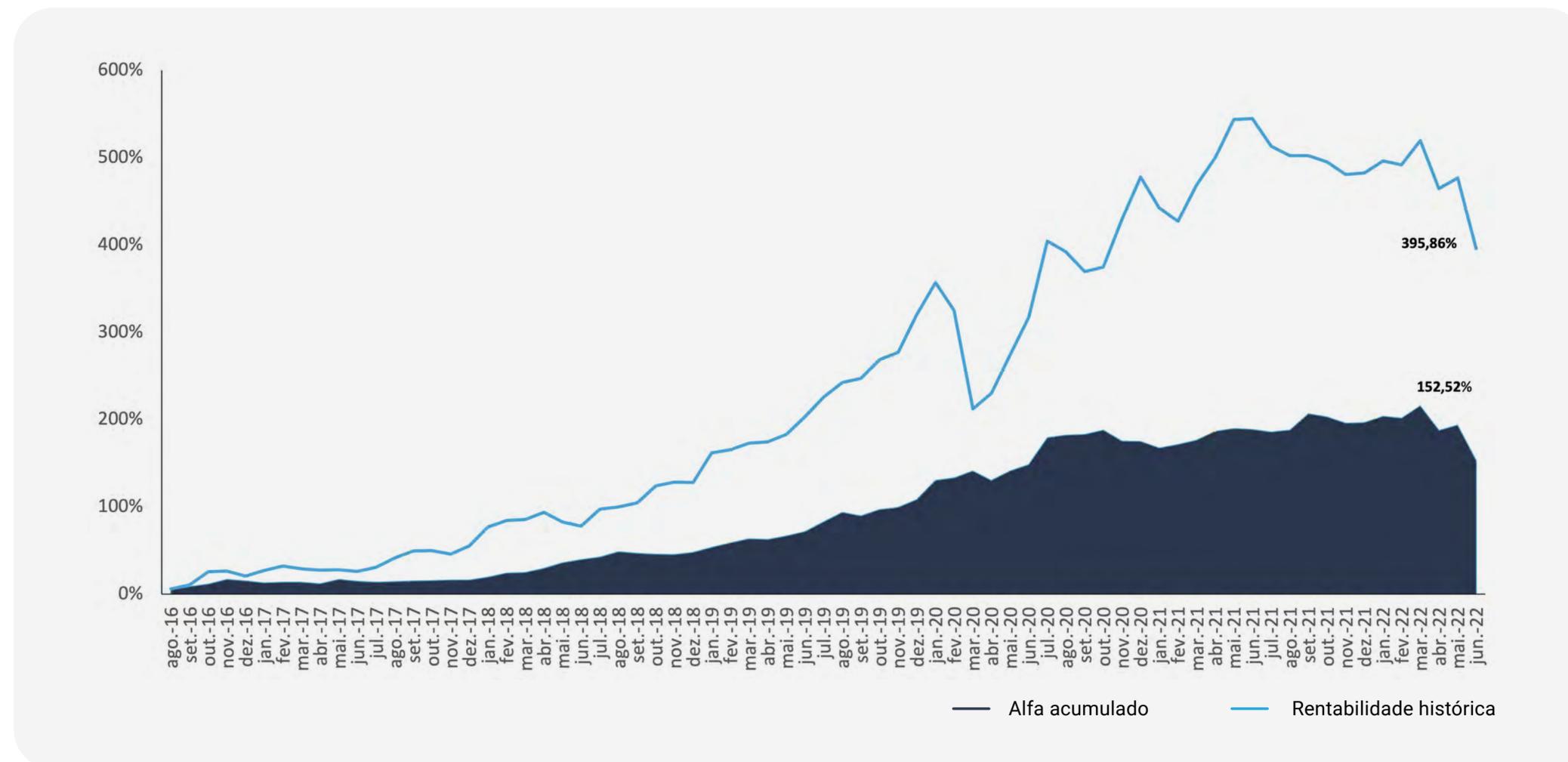


Carteira Recomendada Mensal

Julho

A Carteira Recomendada da Nova Futura teve queda de 14% em junho mediante à forte aversão ao risco do mês. Em 12 meses, a carteira ainda preserva alfa de 1,39%.

Confira a rentabilidade acumulada da carteira



PANORAMA E PERSPECTIVAS

Junho foi mais um mês desafiador para os mercados globais. Alguns fatos já são conhecidos do leitor dos conteúdos da Nova Futura, tais como o Leste Europeu, a inflação global, principalmente em países desenvolvidos, e o fechamento na China.

De fato, são os mesmos ruídos, mas eles continuam ecoando nos mercados de capitais nos quatro cantos do mundo. Talvez as autoridades monetárias (e outras) tenham negado a realidade, ou postergado seu posicionamento para tal, mas as consequências de tais comportamentos começam a ocorrer. Tais atitudes vão desde o atraso de uma política monetária mais restritiva até o posicionamento em relação aos embargos russos.

Algo interessante que ocorreu no primeiro semestre de 2022 foi a discussão e questionamentos em relação a certos pontos até então defendidos como os de inflexão e inovação que ditariam o “novo normal”. Todavia, a alta da inflação, a guerra e as perspectivas de um crescimento econômico menos impetuoso jogaram muitas narrativas no chão e em vez de levar à um lugar totalmente diferente com nova normalidade, nos trouxe de volta a tempos que rimam com o passado.

Na Europa, mais uma vez, vimos dados de inflação superando as máximas históricas, com o IPC chegando a 8,2%, prévias do PMI abaixo do esperado e vendas no varejo também em queda. Tais dados mostram que a inflação impacta fortemente a economia da região.

A alta nos custos de energia acaba por fazer a indústria ter maior custo, o que gera menor perspectiva de crescimento. Além dos custos de energia, que é o que mais vem puxando a inflação no continente, a questão dos preços dos alimentos também gera impacto negativo na renda disponível dos consumidores.

Quanto ao posicionamento do BCE e BoE, principais bancos centrais da região, tanto Lagarde, quanto Bailey se mostram favoráveis ao aumento das taxas de juros, a diretora se mostra um pouco mais parcimoniosa, até por conta da situação dos PIIGS (Portugal, Itália, Irlanda, Grécia) que é delicada. Todavia, há concordância em relação ao ponto de que a inflação no continente não voltará aos patamares pré-pandêmicos.

Do outro lado do Atlântico Norte, a situação não é muito diferente. A inflação nos Estados Unidos continua a assustar não só o mercado, mas a própria autoridade monetária, com o Jerome Powell admitindo que não sabe lidar com inflação, que no país chega a 8,6%, evidenciando que, realmente, houve atraso de como enfrentar o problema. Todavia, há um ponto a ser levado em consideração, pois mesmo que não justifique, explica um pouco o posicionamento de tais agentes que no caso são as autoridades monetárias.

A última vez que os Estados Unidos enfrentaram uma inflação tão alta foi na década de 80, Jerome Powell ainda era um jovem, com menos de 30 anos. Por mais que tenha vivenciado tal cenário, enfrentá-lo na posição de formulador de política é algo totalmente diferente.

Adicionalmente, **houve diversas questões que deixaram os países desenvolvidos despreparados** para tal momento como o posicionamento de legisladores em relação as políticas de carbono zero ou algo do gênero, como a ordem do executivo para a produção de petróleo e gás assim que Biden subiu ao poder já fez com que a oferta ficasse restrita.

Além disso, **a crença de uma transição energética rápida também tornou os impactos da situação atual ainda mais forte.** O mercado espera avanço de 75 p.b. na próxima reunião do FOMC dado a situação exposta acima. Todavia, em alguns momentos do mês, os índices americanos responderam positivamente em relação ao desconto das bolsas e aos dados fracos de atividade econômica gerando uma expectativa de tirada de pé no freio por parte do FED. Contudo, nada suficiente para impedir as quedas.

Na Ásia, o mês foi misto levando em conta a política da China em torno do fechamento de cidades por conta dos avanços da Covid-19. Tal política é negativa pelo fato de que pode retardar o crescimento econômico da região, dado que muitos polos produtivos dos países vizinhos dependem fortemente da produção de bens de capital produzidos lá.

Pelo lado positivo, **há o fato de Xi Jinping ter prometido estímulos para sustentar o crescimento econômico o que acaba tendo espaço, pois o país está com a inflação sob controle.** Nos demais países, a situação ainda é um tanto mista, a inflação no Japão continua baixa por questões estruturais da economia do país, mas também há baixo crescimento. Já na Coreia do Sul, a economia continua dando sinais de inflação elevada.

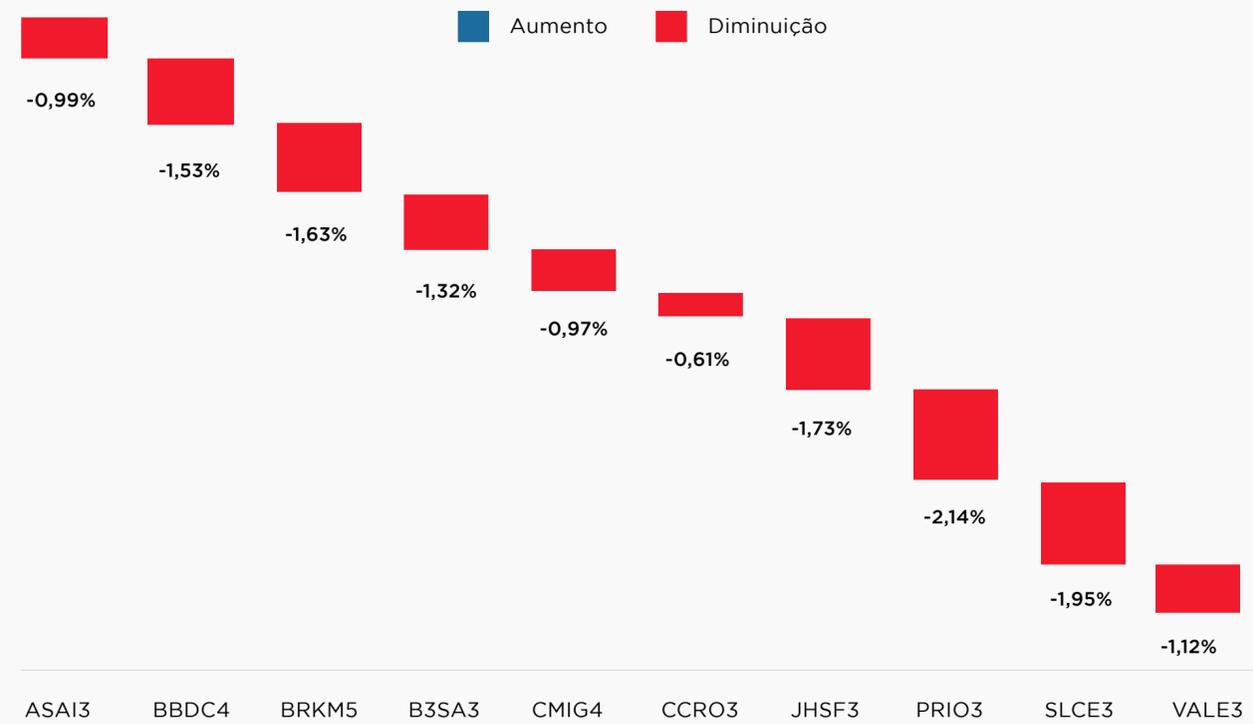
No Brasil, os principais problemas que afetaram o mercado não eram relacionados à atividade econômica, pois os dados continuam positivos como é o caso da indústria, serviços e varejo. A questão, na verdade, está relacionada às perspectivas de problemas de estabilidade fiscal futura, pois o governo começou as (esperadas) políticas de cunho populista ao passo em que o pleito se aproxima.

A máxima do economista americano, Thomas Sowell, de que **a primeira preocupação do político é se eleger e segunda é se reeleger cai muito bem à situação atual.** Todavia as consequências de tais posicionamentos são colocadas na conta do mercado impactando os valuations. Assim, os riscos externos, somados aos ruídos na política acabaram fazendo o Ibovespa ter queda de 11,50% ficando em 98.542 pontos, de modo que todo a atratividade evidenciada no começo do semestre ficasse para trás.

Para julho ainda esperamos um cenário desafiador. No exterior a situação econômica nos países desenvolvidos tendem a se agravar. As preocupações em torno da inflação, do fornecimento energético nos Estados Unidos e, principalmente, na Europa, continuarão a gerar impactos profundos na economia. Na Ásia, a situação ainda é obscura, pois não tem como saber os próximos passos do governo chinês, uma vez que em alguns momentos o governo do país fala em fechamento e em outros por flexibilização e estímulos de sustentação à economia.

Internamente, o risco acaba sendo aprofundado. A política monetária está cada vez mais dependente dos dados econômicos e dos impactos que a economia brasileira recebe do exterior. A alta de juros nos Estados Unidos tenderá a puxar o dólar e a precificação de uma situação que pode ficar caótica na Europa também fará a divisa ter ganhos, o que pode gerar um pass-through importante. Tendo em vista tal cenário, o Bacen tenderá a reagir ao sabor de tal balanço de riscos. Outro fio condutor para o risco no mercado de ações é a questão das eleições, os gastos que começam a ser feitos como os aumento do auxílio Brasil, voucher à caminhoneiros, taxistas e outras categorias.

Participação de ativos da Carteira



SELEÇÃO DE ATIVOS

Assim, tendo em vista o cenário colocado acima, decidimos diminuir a nossa exposição à riscos externos e internos. A retirada de Cemig (CMIG4) se deve, ao fato de que a devolução de tributos ao consumidor previsto na Lei nº 14.358/2022 pode gerar impactos negativos futuros de em termos de custos da companhia. A JHSF (JHSF3), apesar de ser uma companhia com bons fundamentos e atender um público de renda elevada, está sofrendo com a alta de juros como o restante do setor, assim também ficou de fora da carteira. Braskem (BRKM5) foi retirada pelo fato de ter uma exposição considerável no exterior, em especial, nos Estados Unidos. Por fim, SLC (SLCE3) foi retirada pelo fato das expectativas em relação ao desempenho da soja, algodão e milho serem reduzidas por conta dos receios recessivos e alta de juros.



Petro Rio (PRI03):

Esses receios gerados em relação ao mercado de commodities também ficam presentes no petróleo. O fato da guerra no Leste Europeu é um importante gatilho para que os preços continuem em patamar elevado. Assim, é importante ter alguma posição, apesar de que reduzida, em empresas do setor de petróleo e, no caso, Petro Rio tende ser a melhor alternativa, uma vez que fica livre de riscos políticos.



Vale (VALE3):

Ainda no setor de commodities, reduzimos a ponderação em Vale por conta dos riscos advindos de China. Contudo, a promessa de estímulos pode contribuir para o desempenho da companhia que possui o diferencial de ter o minério mais puro em relação aos seus concorrentes. Assim, qualquer sinal de melhora em termos de abertura ou estímulos em China, a companhia pode se beneficiar.



Suzano (SUZB3):

A entrada de Suzano se deve ao fato de ser uma companhia que se beneficia da alta do dólar. A melhora em dados de atividade econômica ou qualquer questão positiva em relação à China também pode impulsionar o papel. Adicionalmente, a companhia informou aumento do preço da celulose na Ásia, Europa e América do Norte.



Assaí (ASAI3):

continua sendo uma boa alternativa no setor de varejo, haja vista que os produtos vendidos pela companhia possuem baixa elasticidade em relação à variação dos preços e da renda, isto é, as pessoas continuarão consumindo, pois se trata, em grande medida, do consumo de produtos de necessidade básica. Com isso, vemos oportunidade no ativo. Além disso, o custo para as famílias em comparação a outros mercados é menor, haja vista que se trata do atacarejo.



Ambev (ABEV3):

A Ambev é uma companhia defensiva e estável. Possui forte geração de caixa e tende a trazer equilíbrio ao portfólio em momentos de aversão a risco. Adicionalmente, os dados de atividade econômica internos de atividade como vendas do varejo e emprego contribuem para a melhora das vendas.



CCR (CCR03):

O avanço da atividade econômica gera a necessidade de maior uso das rodovias por parte do escoamento logístico o que aumenta o fluxo. Ademais, a companhia também possui bons fundamentos e é liderança no setor o que contribui para a vitória da companhia em licitações. Quanto aos fundamentos da empresa, ela apresentou um ótimo balanço, reduzindo alavancagem e ampliando a lucratividade. Adicionalmente, o período de férias também tende a gerar aumento no fluxo nas rodovias, beneficiando a empresa.



Vibra (VBBR3):

A empresa também se beneficia da melhora dos índices de mobilidade que, inclusive, deve crescer por conta da sazonalidade de julho. Além disso, a redução dos impostos incidentes nos combustíveis gera expectativa de melhora na pressão nas margens que seriam ocasionadas pela alta do petróleo, dado que a companhia é uma distribuidora.

SELEÇÃO DE ATIVOS



Bradesco (BBDC4):

continua sendo uma opção interessante no setor bancário. O fato de a companhia já ter feito grande adiantamento de sua PDD deu força para o balanço do 1T22. As margens com clientes subiram, mas isso também reflete certo risco de crédito na parte de pessoa física. Todavia, dados positivos de emprego e atividade econômica devem amenizar tal impacto. O banco também vem apresentando queda em suas despesas operacionais e ampliando sua participação no meio digital. Quanto à sinistralidade, há crescimento no seguro auto e saúde, enquanto, vida e ramos elementares tiveram queda. No macro, o cenário de juros elevados e os dados positivos de atividade econômica são variáveis positivas para o banco. Quanto aos novos movimentos da instituição financeira, o banco comprou a divisão de private do BNP Paribas.



B3 (B3SA3):

A permanência de B3 se deve aos fundamentos da empresa. A companhia também tem um perfil de boa sustentabilidade financeira e dá uma boa ancoragem em termos de beta para a carteira.



Vivo (VIVT3):

A Vivo é uma companhia que faz parte de um setor defensivo. A empresa possui caixa constante, ou seja, sua fonte de receitas não seca, uma vez que em nossa sociedade, o acesso às telecomunicações e internet acabam por ser um bem necessário desde questões pessoais até profissionais em todos os sentidos. Adicionalmente, os custos da compra dos ativos da Oi já estão no preço e a liberalização para a exploração do 5G também é mais um fator positivo para as expectativas da geração de receitas.

→	AMBEV	ABEV3	11%
→	SUZANO	SUZB3	11%
→	VIBRA	VBBR3	11%
→	VIVO	VIVT3	10%
—	ASSAÍ	ASAI3	11%
—	BRADESCO	BBDC4	7%
—	B3	B3SA3	11%
—	CCR	CCRO3	7%
—	PETRO RIO	PRI03	10%
—	VALE	VALE3	11%
←	BRASKEM	BRKM5	-
←	CEMIG	CMIG4	-
←	JHSF	JHSF3	-
←	SLC	SLCE3	-

→ Entrou — Manteve ← Saiu

Matheus Jaconeli

Analista CNPI - 2917 da Nova Futura

Esse relatório foi elaborado e distribuído para os clientes da Nova Futura em 06/07/2022. O analista Matheus Jaconeli CNPI 2917, responsável por sua elaboração, declara que ele foi elaborado de acordo com o estabelecido na Instrução CVM 598/2018. As recomendações contidas nesse relatório refletem exclusivamente as opiniões pessoais do analista sobre as companhias e seus valores mobiliários e foram elaboradas de forma independente e autônoma, inclusive em relação à Nova Futura CTVM Ltda. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros. O investimento em ações não é garantido pelo Fundo Garantidor de Crédito. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos.

Ouvidoria: 0800-724-3080



Siga a Nova Futura nas redes sociais:

 @Novafuturainvestimentos

 /Novafuturainvestimentos

 /Nova Futura Investimentos

 /Novafuturanewf

 /Nfinvestimentos



NOVA FUTURA INVESTIMENTOS

novafutura.com.br

NOVA FUTURA CORRETORA DE TÍTULOS E VALORES LTDA.

Al. Santos, 960 - 10º andar - 01418-002 - São Paulo - SP

CNPJ: 04.257.795/0001-79

Ouvidoria: 0800 724 3080